

O Cronista e a Cidade:

as vivências cotidianas teresinenses no começo do século XX

Fransuel Lima de Barros¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as experiências cotidianas teresinense mediante sua inserção aos novos padrões de vida urbana moderna situadas no começo do século XX. Para alcançar este objetivo, o principal meio de acesso a essas vivências foi através das crônicas publicadas nos jornais locais, pois seus relatos constituem um elo entre o indivíduo e a cidade. Existe assim, uma relação de cumplicidade, pois no momento em que o cronista lança seu olhar sobre a cidade e descreve os comportamentos citadinos, ele acaba ajudando a construir a própria memória urbana. Neste sentido, o resultado das análises revela que o desejo de uma cidade “moderna” se dar em meio a dissensos, visto que, embora houvesse uma instrução da imprensa para que os costumes teresinenses seguissem modelos de civilização estabelecidos por cidades europeias, existiam alguns cronistas, como Jônatas Batista e Elias Martins, que defendiam uma Teresina ligada as raízes tradicionais.

Palavras-chave: História. Teresina. Modernidade. Tradição. Crônica.

Abstract: This article aims to analyze the international everyday experiences using their insertion in the new modern urban living patterns located in the early 20th century. To achieve this goal, the main means of access to these experiences was access to chronicles of local newspapers, as their reports were displayed in a link between the individual and the city. There is, therefore, a relationship of complicity, because at no time when the timer casts his gaze over the city and displays the codes cited, he ends up creating his own urban memory. In this sense, the result of the analysis reveals that the desire for a “modern” city is in the midst of disagreement, since, although there is a press briefing on teresinenses costumes followed by models of civilization estimated by external cities, there are chroniclers, like Jonathan Batista, who defended a bound Teresina as traditional roots.

Keywords: Story. Teresina. Modernity. Tradition. Chronicle

The Chronicler and the City:

Teresina daily experiences in the early 20th century

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. Professor substituto de História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI/campus Possidônio Queiroz) e da Secretária de Educação do Estado do Piauí (SEDUC-PI). Tutor à Distância do Curso de Licenciatura Plena em História no Centro de Educação Aberta e Distância da Universidade Federal do Piauí, no polo Wilson Martins Filho em Santa Cruz do Piauí.

Introdução

Na virada do século XIX para o XX, o Brasil viveu um acelerado processo de modernização dos espaços urbanos. Influenciado por “reformas” das cidades europeias, o Brasil implantaria nas suas urbes a ideologia do novo, do moderno e do civilizado. O Rio de Janeiro foi uma das primeiras cidades a se adequar a essa nova lógica urbana, e passa a ser vista como vitrine para as demais. Uma nova roupagem para a cidade exigia uma nova classe social de costumes refinados. É dessa forma que a mentalidade burguesa em expansão busca civilizados costumes da população citadina, em diferentes graus de intervenção.

Havia um projeto civilizador em curso em todo o país, porém, cada cidade vive esse processo no seu ritmo. A intensidade do processo é diretamente proporcional à intensidade da inserção da urbe nesse mundo moderno. Teresina, por exemplo, era uma região periférica e muitos dos avanços tecnológicos foram chegando à capital aos poucos e de forma tardia, convivendo a população ainda com fortes raízes tradicionais. Ou seja, era forte a tradição na cidade devido à frágil inserção nas relações capitalistas.

Lugar de muitas temporalidades, a cidade convivia entre o “tradicional” e o “moderno”. O tradicional era representado por um grupo de cronistas, que procuravam afastar-se do que era novo e cultivar cada vez mais as raízes ligadas ao meio rural. Já o moderno, ligado principalmente aos cronistas egressos da faculdade de Direito de Recife, lutavam para aplicar seus preceitos de vida moderna e eliminar certos hábitos provincianos.

No lastro dessas reflexões, o presente artigo pretende compreender as experiências teresinenses diante das inovações do mundo moderno. Essas experiências vão muito além das novidades técnicas, e abrange o modo de vida das pessoas, suas sociabilidades, sua forma de morar, seus hábitos e costumes. É nesse sentido que o trabalho busca, através de diversas crônicas publicadas entre o período de 1900 e 1930, analisar as ações dos cronistas teresinenses no combate aos “maus costumes” (sociabilidades tradicionais) e a construção da imagem do homem “moderno” do século XX. Cabe ressaltar que esse “projeto civilizador” foi constituído em meio a dissensos e traumas e, em virtude disso, há um grande número de festividades caracterizadas pelas suas raízes provincianas.

No que se refere ao recorte temporal, justifica-se, primeiramente, por Teresina manter um mesmo padrão de sociedade de 1904 até 1930, havendo mudança quase completa após esse período. Além disso, nessa época, ocorreu um grande avanço rumo às reformas urbanas e sociais nas cidades espalhadas pelo Brasil. A principal indagação foi saber como o cidadão

teresinense assimilou os diversos signos da modernidade², indo desde o desenvolvimento técnico-científico, como a luz elétrica e os bondes, até as diversas manifestações sociais como o Forró, São João, Bumba-meu-boi, Carnaval etc.

Uma História “vista de baixo”: as crônicas em perspectivas

A história, na segunda metade do século XX, através de suas renovações conceituais e metodológicas, traz para o cerne de suas discussões temas que envolvem o social, o cotidiano e as representações urbanas. O uso da literatura como testemunho histórico passa a fornecer subsídio para essa leitura do social da cidade. Todavia, Chalhoub; Neves; Pereira (2005) ressaltam que a produção literária permaneceu durante muito tempo atrelada a uma literatura “nobre, intocável” e construiu uma história que muitas vezes a afastou do dia-a-dia. Se, antes, a principal preocupação dos historiadores eram os estudos dos grandes reis, as resistências miúdas e quase invisíveis do cotidiano passam a ganhar destaque, e muitos personagens marginalizados nesta historiografia passar a ser protagonistas nestes novos estudos. Em vista disso, se faz necessário a discussão da crônica como documento histórico, como também, analisar a influência da escrita dos cronistas nas vivências modernas teresinenses e suas contradições no começo do século XX.

Partindo desta perspectiva para entender esse novo cenário teresinense, Michel de Certeau contribui para a pesquisa ao refletir sobre as práticas ou “maneiras de fazer” cotidianas das pessoas comuns, anônimas, quando analisa, sobretudo, as experiências humanas no cenário da cidade. Segundo o autor:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta “não história”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível. (CERTEAU, 1996, p.31)

² Compreende-se “modernização” como uma série de mudanças tecnológicas e estruturais que atua diretamente na vida urbana do teresinense, como luz elétrica, água encanada, arborização de praças, calçamento de ruas ou mesmo a chegada do carro e do bonde. Já a modernidade seria um “experimentar” das sensações dos novos aparatos técnicos, ou melhor, as diferentes formas às quais são subjetivadas as técnicas. Cf. BERMAN, 1996, p.15.

O cotidiano é o espaço de produção destes cronistas, inclusive, a crônica veio aproximar a literatura dos eventos do dia a dia, do comum, de relatos muitas vezes minorizados, passando a ver nas “coisas miúdas” a grandeza dos fatos (CHALHOUB, 2005, p. 12). Percebe-se, assim, uma relação de familiaridade entre o cronista e a cidade, visto que, ao relatar as relações sociais urbanas, ele acaba produzindo a própria memória da cidade. Em vista disso, o cronista torna-se um sujeito privilegiado dentro do enfoque urbano, pois consegue mostrar acontecimentos de um cotidiano “invisível”, e muitas vezes, silenciados pelo Estado.

Surgido ainda na França no final do século XIX, a crônica está ligada diretamente aos “folhetins”. Estes, geralmente, vinham na primeira página no jornal, mais precisamente no rodapé, e tinham como finalidade o entretenimento (CÂNDIDO, 1992, p.15). Segundo Meyer, era um espaço de “vale-tudo”, em que suscitavam

todas as formas e modalidades de diversão escrita, nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos [...]. E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em séries se houver mais textos e menos colunas (MEYER, 1996, p. 57).

Além disso, Meyer aponta que esse tipo de publicação no Brasil assume vários formatos, pois além dos romances folhetinescos, transcende o rodapé das primeiras páginas e adentra por outras partes dos jornais, abordando desde simples matérias recreativas dominicais até textos de cunho político, ou seja, tudo o que tivesse relação com o cotidiano do leitor. É neste espaço de liberdade temática dos folhetins que surgem as crônicas (MEYER, 1996, p. 57).

A propagação do gênero acaba por trazer reflexões de autores como Chalhoub, Neves, Pereira (2005, p.9), que passam entender a crônica como um gênero leve e passageiro, que trata de temas diversos e que aparece de forma espontânea, tendo como único comprometimento os pequenos acontecimentos ligados ao dia a dia, ao pitoresco. Intérpretes de uma realidade histórica na qual eles estão inseridos, os cronistas realizam através de suas escritas uma materialização do cotidiano, produzindo, conseqüentemente, a própria cartografia urbana.

Porém, as crônicas, embora uma extensão do jornal, têm maior liberdade de escrita e se tornam uma ótima forma de observar a cidade com riqueza de detalhes e intenções. É uma

“visão de baixo”, de suas múltiplas faces, das práticas ordinárias, estranhas ao espaço panóptico e geométrico (CERTEAU, 1996, 169-174). E, como asseveram Chalhoub, Neves, Pereira, a relação entre escritor e leitor é uma relação de mão dupla, uma vez que “o cronista fazia de seus artigos um modo de intervir na realidade, influenciando os leitores, por outro, ele era também influenciado por eles, cujas expectativas e interesses ajudavam a definir temas e formas que passaria a adotar” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p. 15).

Modernidade x Tradição

A revolução técnica-científica no início do século XX impulsionou novos anseios e desejos, fez com que as diversões tradicionais ficassem em segundo plano diante de novas formas de lazer. Nesse sentido, as tradições vão sendo desqualificadas perante uma sociedade individualista e industrializada, dando lugar a uma rotina cada vez mais preenchida pela ciência e pela técnica. Neste artigo, é mister o estudo de diversas sociabilidades que possuem raízes ligadas à tradição teresinense, e que sofrem concorrência de novas sociabilidades.

As crônicas aqui analisadas mostram a cidade em sua pluralidade, em sua relação íntima com o cotidiano da cidade. Através dessas fontes serão mostradas como práticas de lazer tradicionais “sobrevivem” em meio a tantas novidades. As diversões tradicionais tiveram de se reinventar nesse novo século diante da concorrência do novo. Desse modo, é importante ressaltar as tensões e conflitos entre práticas e sociabilidades tradicionais e modernas, dando destaque àquelas que permaneceram nos hábitos e costumes teresinenses entre os anos de 1900 e 1930.

Antes de falar como essas sociabilidades se fizeram presentes no cotidiano citadino, se faz necessário entender como a ideia de civilização passa a ser inserida no modo de vida teresinense. O objeto principal, era seguir padrões bem definidos, viver os ares de uma cultura europeia, deixar os costumes da “barbárie” e ingressar no progresso dos grandes centros. Em virtude do que foi mencionado, Elias (2011, p.23) nos ajuda a refletir sobre a temática com o conceito de civilização. Analisando a sociedade Ocidental, o autor diz tratar-se desde os desenvolvimentos técnico-científicos, maneiras, ideias religiosas e costumes, até os diferentes tipos de habitação ou mesmo o modo como homens e mulheres vivem juntos. Levando em consideração o discurso evolucionista entre o final do século XIX e início do XX, a civilização passa a configurar como algo que se opõe à barbárie e carrega em sua essência a noção de futuro, de progresso, em oposição a passado e a atraso.

A ideia de tradição também se faz necessária para demonstrar a resistência a esse discurso civilizador. O conceito remete a um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade, que continua a ser aceito e atuante no presente. Tem a função de preservar costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Para Weber, os comportamentos tradicionais são compreendidos como atitudes que os indivíduos tomam em grupo e são orientadas pelo hábito, pela noção de que sempre foi assim (SILVA, K. V.; SILVA M. H, 2006, p.1).

Arno Mayer (1987, p. 14-23) alerta para o demasiado culto à modernidade, em que o olhar volta-se essencialmente para o progresso tecnológico e científico, para o capitalismo industrial, para a burguesia e a classe média, e acaba negligenciando, subestimando ou desvalorizando a resistência de forças ligadas a grupos rurais dominados por nobrezas hereditárias e o seu astucioso talento para assimilar, retardar, neutralizar a modernização capitalista.

Como exemplo desta resistência, podemos citar Jônatas Batista³, intelectual piauiense atuante no início do século XX. O cronista alerta para a modernidade e suas contradições, onde assevera que junto ao desenvolvimento das urbes, começa a surgir diversas mazelas, inclusive o caos que o progresso traz. Enquanto muitos intelectuais da época acreditavam que, para Teresina se tornar civilizada, era necessário antes se modernizar, Batista acreditava que o avanço nem sempre representava algo bom e que, em muitos casos, representava um “fardo” para a população.

O cronista defendia uma Teresina dos costumes, e recriminava os progressos como, as estradas de ferro, luz elétrica, pois segundo ele, se não contamos com os benefícios que esses melhoramentos podem nos trazer, também não contamos com os males. Como por exemplo, “não temos automóveis [...], mas, em troca não presenciamos os esmagamentos que se dão todos os dias nas cidades onde o fonfom (buzina de automóvel) é tão conhecido e tão habitual ao povo” (BATISTA, 1985, p.118).

Na contramão dos bacharéis- literários, que operacionalizavam ideias que viabilizasse a formação do homem moderno, Batista traz em seu livro *Poesias e Prosas*, uma Teresina da tradição, que foge dos padrões de civilidade europeia, pois segundo ele, “somos felizes,

³ Jônatas Batista nasceu em Natal (atual Monsenhor Gil) em 1885 e faleceu em São Paulo em 1935. Poeta, jornalista, conferencista e teatrólogo e um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Exerceu o cargo de Oficial de Registro Civil de Teresina e foi membro da Sociedade de Autores Teatrais do Rio de Janeiro. Como jornalista, redigiu em vários jornais como: *Arrebol*, *O Mensageiro*, *O Operário* e colaborou em outros: *O Diário do Piauí* e *A Cidade de Teresina*. Como poeta publicou: *Maio*; *Alma sem rumo* e *Poesias e prosas*. Cf: GONÇALVES, 2000, p. 54.

imensamente felizes com os nossos costumes. Para que Progresso? Para sermos vítimas de semelhantes ‘desatinos’?!...” Declarando ser inimigo do ‘senhor do progresso’, Batista afirma que temos que viver o nosso atraso, e só assim poderemos viver tranquilos, em perfeita calma, no mais absoluto sossego, e como ele chama a atenção: “viva o nosso atraso, a nossa primitividade, o nosso costume. Nada de progresso...” (BATISTA, 1985, p.119).

Para cronista defensor da tradição, a cultura de Teresina sempre esteve na sombra de uma cultura europeia, copiando as diversões, as modas e outras novidades europeias. Seria hora de se copiar algo útil, pois para ele:

Somos mesmos quase incapazes de uma originalidade própria; que temos o desgraçado, ou por outras, muitas vezes, o infeliz hábito de desprezar tudo o que é nosso, para abraçarmos ou acolhermos o que vem de fora; por que não procuramos imitar também, trazer para o nosso meio, para os nossos costumes, ideias como está?!... (BATISTA, 1985, p.116)

A cidade de Teresina tenta aparentar uma cidade de comportamentos nobres, civilizada e moderna. Porém, segundo o cronista, os atos de incivilidade transparecem em diversas situações. Crianças sem educação, pais passivos diante das más-criações dos filhos, barulho no teatro, crianças avançando nos bolos e doces, venda de bebida para menores são exemplos dos atos visto durante a visita de poeta Coelho Neto a Teresina, quando foi realizado um banquete no salão nobre do teatro 4 de Setembro:

[As crianças] fizeram tal barulhada, fizeram tantas e cabais provas de incivilidade que nosso hóspede, não obstante a sua reconhecida benevolência e boa intenção, não pôde deixar de censurar, segundo dizem um tão feio procedimento. A impressão foi a mais desagradável possível. A menina, antes mesmo de servirem os convidados, fez tal avanço nos bolos e doces que foi mesmo uma vergonheira (BATISTA, 1985, p.117).

Para Batista esses atos que deveriam ser corrigidos pelos pais, não são observados com atenção, estes não censuram os filhos insubordinados, apenas abaixam suas cabeças envergonhados. Segundo o cronista, essas práticas distanciam nosso povo da civilização, pois não vivemos mais a época de crianças que sabem se comportar com destreza diante da sociedade, que são verdadeiros duques e duquesas e que são sempre dóceis e bem ensinadas. Em uma coluna do jornal *O Apóstolo* intitulada *Como deve ser a Educação*, de 1907, chama a atenção para uma educação mais severa: “a educação sem repressão nada vale, é uma educação falsa e defectiva, e é por isso que considero feliz o menino castigado por uma

disciplina severa, quando outros meios se tornaram improfícuos para vencê-lo”(COMO deve ser a Educação, 1907, p.1).

Outro exemplo de voz dissonante da modernidade era o literato Elias Martins⁴. Em sua obra *Fitas* (1920) procura mostrar uma visão contrária ao propagada pelo cinema no começo do século XX como sinônimo de progresso e civilização. Segundo o autor, diversões modernas como essa, terminaram afastando os teresinenses de seus lazeres tradicionais.

Já se foram as xácaras, que nos embalaram o berço e as ternas modinhas, que faziam a alegria dos nossos saraus, surgiram e venceram as alucinadoras canções importadas dos cabarets estrangeiros, apagados os tempos do violão e da flauta nas mágicas serenatas, coando nativas harmonias por entre o lençol de prata do luar. As festas de Ano Bom: Reis, São João e Natal, tesouro do lar, guardado no bronze das tradições, vão perdendo o caráter nacional, desfiguradas na cristalina beleza pelo influxo de estranhos costumes, cabendo as fitas luminosas preponderância na erosiva invasão. Os cantos das pastorinhas, as noites dos Magos, o renque das fogueiras, só pelos sertões conservavam ainda o brilho de outrora, na inteireza da fé, no entusiasmo do amor. A força conservadora da família, pela imprudência de funestas contemporizações, começou por enfraquecer, dando entrada ao corruptor ao recesso das mais caras santas afeições (MARTINS, 1920, p.19-20).

E mais, Martins assevera que o lazer contrastava com ambiente familiar, pois segundo ele, era um ambiente cheio de vícios e perigos, que impulsionavam seus praticantes a realizarem atos que contrastavam com a moral estabelecida no período.

Há quem diga, sisudas e insuspeitas testemunhas de vista, que pela manhã, às horas de varrer os salões e espanar os móveis são descobertos comprometedores indícios de repugnantes escândalos. E não se veja nessa observação nenhum exagero. Tendencioso plano para indispor e alarmar, porque coisas iguais já foram denunciadas nas grandes capitais em casas frequentadas pela fina flor da elegância (MARTINS, 1920, p.21).

Em síntese, Jônatas Batista e Elias Martins, representam as vozes de um grupo da sociedade teresinense insatisfeito com o rumo que as sociabilidades estavam tomando. Indubitavelmente, esses defensores da tradição “resistiam” as novas formas de lazer de múltiplas maneiras. Assim, busca-se evidenciar que as rupturas e/ou permanências nas práticas cotidianas, em especial, as sociabilidades, são forjados por discursos sociais, sendo

⁴ Elias de Sousa Martins nasceu em Picos em 1869 e faleceu em Teresina em 1936. Era político, jornalista e escritor. Foi procurador da República em Teresina e deputado federal por duas legislaturas. Obras: *Fitas*; *O poder das trevas*; *Frei Serafim de Catarina* e outros. Cf. NETO, 1993, p. 53.

essas experiências construídas a partir de negociações, apropriações, esquecimentos e ressentimentos.

Os Festejos Juninos e o Forró: formas de diversões tradicionais

A pertinência deste estudo consiste em construir reflexões e conhecimentos acerca das sociabilidades “tradicionais” no sentido de reconhecê-las como ocasiões privilegiadas, para a observação das permanências, tensões e conflitos gerados diante dos novos anseios modernos. Daí, propõe-se interpretar esses tipos de lazer como momentos significativos para pensar sobre os modos pelos quais os diversos sujeitos e setores sociais olham uns para os outros, onde comentam, justificam, aceitam ou reproduzem as múltiplas desigualdades e heterogeneidades. Organizações festivas, a exemplo do São João, Bumba meu boi e o Forró, podem ser interpretados como elementos e ocasiões particulares para se perceber formas de sentir, pensar e agir socialmente, pois muitos são os sujeitos que organizavam suas vidas em torno dessas festividades (SANSONE, 2012, p. 16-17).

O São João, por exemplo, era uma festa que movimentava a vida social dos teresinenses. A população participava brincando ou assistindo à diversão. Ruas eram ornamentadas com palhas, fogueiras eram armadas e fogos de artifícios eram lançados. Abriam-se as casas numa festiva movimentação interna. Abdias Neves, em *Um Manicaca*, afirma ainda que algumas pessoas divertiam-se “passando fogo” e tornando-se padrinhos e afilhados, parentes de fogueira ou outra modalidade de tratamento afetivo. O cronista relata o episódio da seguinte forma:

[...] Por S. João, S. Pedro, S. Tiago e todos os santos da corte do céu, como D. Rosinha é minha prima, jurou ele, tomando a mão direita da namorada e colocando-se de modo que, entre os dois, ficassem as brasas. A moça repetiu o juramento e, erguendo um pouco a saia, passou por cima do tição. Repetiram o juramento e cumprimentaram-se: – Minha prima! – Meu primo! (NEVES, 1985, p. 65).

Outras brincadeiras típicas faziam parte do cotidiano da população, que tinha suas vidas marcadas por hábitos e costumes tradicionais. O cronista Raposo Torres relata que algumas moças examinavam a sua longevidade pelo reflexo do rosto no fundo de uma bacia com água. Outras procuravam saber se casariam com um determinado rapaz e esperavam ansiosamente que as agulhas que flutuavam na superfície da água se cruzassem. Essas brincadeiras mexiam com a “fantasia” das jovens garotas no começo do século XX e faziam

com que muitas delas sonhassem com o amor de um determinado rapaz (CASTELO BRANCO, 2013, p. 45).

No início dos anos de 1920, em crônica de Jônatas Batista para o jornal *O Nordeste* lamenta o descaso e abandono por que passavam as festas de São João em Teresina. O cronista culpava principalmente o desprezo do povo à tradição e a chegada da luz elétrica. Para ele, a eletricidade ofuscou o brilho das fogueiras, mudando a paisagem noturna. A cidade tinha perdido a capacidade de provocar um efeito visual, de iluminar, como o fazia anteriormente:

[...] aproxima-se o dia 23 de junho e com ele não vemos aproximar-se, também como outrora, aquele mesmo cortejo de alegrias ruidosas, de preparativos alegres de festas encantadoras. A luz elétrica matou as festas de São João em Teresina. As fogueiras, que davam nessa noite feliz um aspecto deslumbrante a nossas ruas, eram como que alma, a vida, a razão de ser dessas festas [...] (BATISTA, 1920, p.03).

Porém, essa diversão configurava como um anteprojetado de cidade moderna. E para afastar costumes como esses, existia um grupo de cronistas, ligados a uma elite local, que procuravam desqualificar qualquer tipo de sociabilidade que se aproximasse de padrões tradicionais. A ação fazia parte daqueles que projetavam uma Teresina civilizada e, com esse intuito, trataram logo de criar artifícios para barrar a prática de fogos de artifícios, seja através das forças policiais, seja por meio de códigos de postura municipais.

Correu, com desusado entusiasmo, o tradicional festejo de S. João, este ano. Além dos fogos de salão, fogueiras, atiraram muito busca-pé nas ruas, o que traz aliás sérios inconvenientes. A polícia proibiu a saída do bumba meu boi. Foi um verdadeiro clamor, falou-se em respeitar a ordem da autoridade, aliciou-se gente para isso, mas, diante da atitude da polícia, rondado a cidade de patrulhas dobradas, aquartelando a força disponível e pondo todas as suas autoridades a serviço, arrefeceram-se os ânimos e a ordem pública não foi alterada, nem desacatada a determinação de dr. Chefe de polícia (FESTA de S. João, 1903, p.01).

Se a presença dos setores populares na execução da festa era patente, isso não significava a exclusão de outros segmentos sociais. Pois muitos integrantes das classes sociais mais abastadas ainda estavam ligados à cultura tradicional.

Um outro momento tradicional do festejo junino era o bumba meu boi. Dança folclórica típica do Piauí e Maranhão, que surgiu ainda no século XVIII, misturando aspectos da cultura africana, indígena e europeia, com encenações religiosas do catolicismo. Em geral, eram brincadeiras que resultavam de um pagamento de promessa feita aos santos do catolicismo, sobretudo, o São João. Os brincantes, em diferentes funções, tocavam matracas,

pandeiros ou tambores, e repetiam em “homogeneidade” as toadas e canções do amo, o cantor e guia do bumba (SANSONE, 2012, p.20-21).

Em Teresina, o bumba meu boi era comemorado todos os anos no mês de junho por grande parte da população. A diversão começava com uma encenação, que geralmente terminava com a morte do boi, depois, a brincadeira continuava com o boi saindo pelas ruas da cidade a perseguir as pessoas que cantavam a seguinte cantiga:

Brinca, brinca, boi de fama!
E o coro:
Ou mandi ça rá!
E a voz:
Este boi é bicho bom!
E o coro:
Ou mandi ça rá! (NEVES, 1985, p. 69).

Abdias Neves em *Um manicaca* diz que a passagem do boi pelas ruas de Teresina era sempre acompanhada por uma multidão enorme que fazia muito barulho, batendo palmas ritmadas em uma cantiga que dizia:

Levanta o pé,
Levanta o pé,
Não tenhas medo
Do *busca-pé!* (NEVES, 1985, p. 68).

O espetáculo que faz parte das festas de São João dividia opiniões entre seus espectadores. Embora vivenciado por diversas classes sociais, passou a incomodar parte de um grupo mais abastado, que reclamava às autoridades policiais do barulho dos bumbas até altas horas dentro de áreas centrais da cidade. O cronista do jornal *Gazeta* relata que:

Pessoas residentes na Avenida Frei Serafim pediram-nos que reclamássemos providências das autoridades policiais desta capital contra o ensaio noturno de célebre bumba meu boi, o qual é feito ali por um grupo de caboclos quase sempre embriagados que não respeitavam o sossego das famílias e ofendem a moralidade com ditérios obscenos, etc. Ora, cremos que atualmente só no Piauí é ainda tolerada esta ridícula brincadeira de negros [...]. Demais se é que se permite a brincadeira do bumba meu boi, o ensaio deve ser feito no Poti ou em outro lugar mais distante de Teresina, onde a gentilha possa alargar o círculo da sua imoralidade. Esperamos que o Excelentíssimo Senhor dr. Secretário da Polícia providencie no sentido de ser removido da pitoresca avenida o mortuário e fúnebre preliminar do bumba meu boi (BUMBA meu boi, 1905, p.01).

Observa-se na notícia transcrita que o cronista desejava deslegitimar a festividade, colocando os praticantes como grupo de bêbados, que cantava e dançava na maior

libertinagem. A desqualificação dessa sociabilidade passava por um discurso no qual se dizia que esse tipo de comportamento deveria ser combatido, pois representava sinais de atraso, de baderna de pretos e de caboclos “bárbaros”.

Em 1905, um cronista anônimo do jornal *O Monitor* publicou uma notícia intitulada *O Boi*, onde descreve a percepção que a elite, ou ao menos uma parte dela, tinha em relação a essa festa:

[...] Rapazes sujos, malvestidos, calçando luvas de couro de bode, chegavam aos saltos, acompanhando suas grotescas evoluções coreográficas e aplicavam-lhe às faces tismadas a chama coruscante das espadas que, não raro, lhes explodiram nas mãos, danificando-as. (O BOI, 1907, p.02)

O bumba está inserido em um processo construído em meio a dissensos, ambiguidades, agitações e tensões (SANSONE, 2012, p. 39-40). Aqueles que almejavam uma cidade com costumes civilizados voltaram suas ações para o combate a hábitos que consideravam inadequados para o desenvolvimento da urbe. Assim, o comentário do cronista que aponta os praticantes dos bumbas como sendo “rapazes sujos, malvestidos, calçando luvas de couro de bode” revela uma aversão ao homem moderno, tão rejeitado por esses homens das letras.

No geral, o grupo de cronistas teresinenses que vislumbrava a modernidade na capital, tentava, através de várias ações, colocar o bumba meu boi como diversão “bárbara”, inserindo-o como prática ridícula e perigosa, principalmente quando soltavam os busca-pés no meio da multidão, pois, segundo eles, a queima de pequenos fogos causava acidentes e isso configurava caso de polícia (CHUVISCO, 1905, p.01). Neves descreve a sociabilidade como uma “evocação do diabo em fúria”, que:

Levado aos ombros de quatro negros possantes, [o Bumba] surgia dentro de uma nuvem de fogo. Bombas estrondeavam pelo chão. Busca-pés coletavam como serpentes, rabeando por entre os caboclos, ameaçando-os com a sua cauda inflamada. Os caboclos, vestidos de escarlata, sacudindo os grandes penachos da cabeça e da cintura, movendo o arco improvisado, se agitavam, fugiam, defendiam-se, aos saltos, dos busca-pés, das espadas e das bombas, pulando sempre e cantando sempre (NEVES, 1985, p. 68). (Grifo nosso)

Essas interpretações depreciativas, em sua maioria, tinham um caráter de beleza e moralista, estruturando-se na natureza subjetiva do elegante e do feio, do certo e do errado, do bem e do mal. Ao tratarem sobre os bumbas, os cronistas comparavam a festividade a uma

parte doente de um corpo humano, que precisava ser amputado para que não se espalhasse para os demais membros, e essa ação deveria se dar através das perseguições policiais.

Desse modo, pode-se afirmar que esse processo civilizador não foi homogêneo, isso porque a ideia de civilização e modernidade foi algo lentamente inserida na capital, que ainda convivia com fortes raízes tradicionais. Conferia-se uma circularidade cultural onde ricos e pobres compartilhavam a mesma forma de lazer, embora, em muitos casos, as classes mais refinadas da sociedade teresinense preferissem participar do espetáculo assistindo. Assim:

No Largo da Marechal Deodoro, uma festa alegre chamava a atenção: Famílias inteiras atufavam-se nas janelas do Fórum e do Palácio, apreciando o movimento, esperando o boi. Em semicírculos compactos junto à Pirâmide e ao átrio do Amparo, os pândegas da época atiravam busca-pés inflamando a multidão que se emaranhava, largo afora ostentando ruidosamente vestidinhos já surrados, largos chalés domingueiros, ou fraques escangalhadas que, às últimas reverberações do sol poente, tinham cintilações esquisitas, exóticas, interessantes (O BOI, 1907, p.2).

Quando o cronista relata que famílias inteiras disputavam espaços nas janelas do Fórum e do Palácio para apreciar a passagem do boi, está se referindo a indivíduos de uma classe mais abastada que admiravam a sociabilidade. Mesmo com o crescente discurso civilizacional difundido por parte da imprensa para que seus cidadãos se afastassem dessa diversão, a festa sobrevivia e ainda causava intensa influência nos hábitos e costumes dos teresinenses e de outras regiões.

O bumba meu boi ganhou grande repercussão nacional em 1916, quando o carnaval do Rio de Janeiro daquele ano teve como um dos maiores sucessos musicais a toada sertaneja “O meu boi morreu”. Os versos faziam referência ao boi no Estado do Piauí:

Se meu boi morrer,
O que será de mim?
Manda buscar outro, maninha,
Lá no Piauí (MONTEIRO, 1993, p.25).

A partir desse fato, o Piauí ficava evidenciado como a terra do “boi morreu”. A distância e o isolamento colocavam a terra dos “currais de dentro” à margem dos acontecimentos (MONTEIRO, 1993, p.25). Mesmo com essa divulgação do lazer em nível nacional, a diversão não deixa de lado sua pluralidade, apreciada por alguns e combatida por outros.

O arrasta-pé teresinense

Antes de falar propriamente das vivências em torno do forró, é importante discutir as versões que cercam a etimologia da palavra. A primeira versão, defendida pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo (1962, p. 345), designa o termo como arrasta-pé, farra, confusão e desordem. Marcos Marcondes (1988/1962, p. 301), argumentando na mesma linha de raciocínio de Cascudo, diz que o forró é derivado do termo africano *forrobodó* e significa arrasta-pé. Outra versão é associada à expressão *for all*, que significa “para todos”. Alguns estudiosos acreditam que os ingleses ofereciam festas aos operários ferroviários no Nordeste, a qual representava um convite aberto para todos aqueles que quisessem participar da diversão (SILVA, 2003, p.72).

Os relatos sobre a sociabilidade nos periódicos teresinenses se aproximam de uma concepção do forró baseada na tese de Câmara Cascudo, que traz a festividade como arrasta-pé, farra e desordem. É essa visão que é relatada nas reclamações por parte das famílias mais abastadas de Teresina, que argumentavam ser o local um ambiente violento, frequentado por pessoas sem escrúpulos, onde ocorriam vários conflitos:

Na noite de sábado para domingo, num animado forró que realizara para as bandas da rua da Estrela, houve [...] um grande rolo do qual resultou o ferimento de Izabel Dias, uma mocinha que não tinha nada com o caso. Quando mais animada estava a festa deu-se uma forte alteração entre o Sr. Iglesias e o operário Arlindo. O primeiro sacando de um revólver, em plena sala, cheia de convidados, desfechou dois tiros contra o segundo, indo um dos projéteis atingir Izabel, abaixo da clavícula esquerda. A vítima era filha da dona da casa e achava-se entre os convidados, na ocasião da luta (TIROS e cacetadas, 1915, p.1).

Este relato acima lembra bastante a história de desavença dos operários Zé Galego e Antônio Pascoal retirada do livro de Sidney Chalhoub (1986), *Trabalho, lar e botequim*, que resultou na morte do primeiro após a briga pelo amor de Júlia. Os dois relatos possuem algumas semelhanças, como o motivo aparentemente frívolo da discussão e o final trágico. Na matéria relatada acima, que vitimou uma inocente que nada tinha a ver com a discussão, nos leva à hipótese, pelo menos do ponto de vista do jornal, de uma festa violenta, de gente “bárbara” e sem costume. Mas nos dois periódicos que relatam a notícia – *Jornal do Comércio* e *Correio de Teresina* – é mostrado um sensacionalismo na notícia. Lima Barreto (2011, p. 221) em *Isaías Caminha* conta como os jornalistas se empenhavam em inventar detalhes extravagantes que enfeitassem a notícia. Assim, seguindo a linha de raciocínio de

Barreto, tudo leva a crer que esse tipo de matéria tinha a intenção de causar sensação ao público e assegurar o repúdio a certas sociabilidades.

Essa postura contra as manifestações populares não era compartilhada por todos os cronistas, havia alguns que defendiam os festejos e rejeitavam essa nova civilização que estava se formando. Devem-se analisar as várias versões em torno dessas sociabilidades, pois, embora houvesse aqueles intelectuais interessados em moldar o comportamento dos teresinenses, por meio de uma série de medidas discursivas, havia também os que defendiam a prevalência da tradição, dos costumes que foram passados de geração a geração e que não poderiam ser esquecidos em prol de diversões modernas. Eis como se expressa um escritor do jornal *O Nordeste*:

[...] Ao contrário dos outros povos, nós temos um absurdo, um lamentável desamor pela tradição. Tudo vai definhando, morrendo, extinguindo... São Gonçalo, São João, São Pedro, Santo Antônio, todos os santos queridos do povo, vão desaparecendo para o rol do esquecimento, para a grande lista dos deslembados. E nós, os velhos; nós, os que somos obrigados, por uma lei natural, a recordar essas festas de outrora, esses inocentes e românticos folguedos, quando havia menos civilização, embora houvesse mais sinceridade, mais alegria, mais encanto. Lançamos um olhar embaciado pelo estirão de caminho percorrido, ao mesmo tempo em que soluça dentro de nosso coração a saudade, a dolorida companheira daqueles que já descambam pela rápida encosta da existência (BATISTA, 1920, p.3)

Observa-se no discurso de Jônatas Batista a defesa das tradições. Basta lembrar que Teresina, embora almejasse o progresso, ainda convivia com fortes hábitos e costumes de uma cidade rural. Os festejos começam a sofrer interferência de novas formas de lazer, e isso causa uma disputa pelos espaços de sociabilidades. Embora houvesse fortes investidas dos “mosqueteiros” da modernidade contra as formas tradicionais de lazer, elas nunca desapareceram, em alguns casos se reinventavam e se adaptavam ao meio.

Neste sentido, nota-se um cotidiano diversificado, em extremo fluxo. Parte dos cronistas tentam implantar em Teresina, costumes que remetesse a uma urbe desenvolvida, de hábitos e preceitos modernos. Porém, a cidade, em suas práticas cotidianas, era heterogênea. Nesse sentido, a leitura nas entrelinhas das crônicas, nos dão a chave para evidenciar as construções que os cronistas pretendiam afirmar em relação as festividades tradicionais. Eles indicam que, por trás da história metódica e hierarquizada, o lazer moderno tem muitas outras versões, contadas e inventadas por quem viveu o período.

Em suma, as sociabilidades tradicionais teresinenses são constituídas em meio a conflitos e disputas. Não existe um lazer essencialmente popular ou de elite, e sim múltiplas

formas de vivência dessas sociabilidades. O discurso civilizador gerou mudanças, é claro, contudo, as camadas populares não se constituíram num receptáculo passivo. Ao contrário, resistiram, constituindo-se em baluartes de autonomia, embora muitas vezes amputados. Enfim, deve-se entender que a cidade nos primeiros anos do século XX ainda convivia com fortes práticas ligadas ao mundo rural, e isso dificultou muito a ação de cronistas que sonhavam com uma urbe moderna e de costumes civilizados.

Referências

- BARRETO, L. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- BATISTA, J. Semana elegante. **O Nordeste**, Teresina, ano 1, n. 30, 19 jun. 1920.
- BATISTA, Jonatas. **Poesia e prosa**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Cia. das Letras, 1996.
- BUMBA meu boi. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 24, 7 jun. 1905.
- CÂNDIDO, Antônio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. In: _____. (Org.). *A vida ao rés-do-chão*. Campinas: Unicamp, 1992.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república**. Teresina: EDUFPI, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; (Org.). **História em Cousas Miúdas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhos do Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHUVISCO. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 26, 30 jun. 1905.
- COMO deve ser a Educação. **O Apóstolo**, Teresina, ano 1, n. 32, 22 de dez de 1907.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- FESTA de S. João. **Pátria**, Teresina, ano 1, n. 35, 29 jun. 1903.
- GONÇALVES, W. C. **Antologia da Academia Piauiense de Letras**. Teresina: [s.n.] 2000
- MARCONDES, M. A. **Enciclopédia da Música Brasileira**. São Paulo: Publifolha, 1988/1962.
- MARTINS, Elias. **Fitas**. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.
- MAYER, A. **A força da tradição: a persistência do antigo regime, 1848-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MONTEIRO, C. A. **Rua da Glória 3: no tempo dos revoltosos (1921-1934)**. v. 3. Rio de Janeiro: [s.n.], 1993.
- NEVES, A. **Um Manicaca**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- NETO, A. **Escritores piauienses de todos os tempos - dicionário biográfico**. Teresina: Gráfica e Editora do Povo, 1993, p. 53.
- O BOI. **O Monitor**, Teresina, ano 2, n. 60, 19 dez. 1907.

SANSONE, L. **A política do intangível**: museus e patrimônios em novas perspectivas. In: BARROS, A. E. A. **Ao ritmo dos bumbas**: obliterações e desigualdades na construção de um patrimônio festivo brasileiro (c.1900-1950), Salvador: EDUFBA, 2012.

SILVA, E. L. **Forró no asfalto**: mercado e identidade sociocultural. São Paulo: ANNABLUME, 2003.

SILVA, K. V.; SILVA M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

TIROS e cacetadas. **Correio de Teresina**, Teresina, ano 3, n. 118, 17 maio 1915.

Recebido em 30 de setembro de 2019
Aprovado em 28 de novembro de 2019